



## 6º Simposio de Ensino de Graduação

### ANÁLISE DO POEMA TACITURNO DE MARIO DE SÁ CARNEIRO

#### Autor(es)

---

ARIANA DOS SANTOS CIRINO

#### Orientador(es)

---

JOSIANE MARIA

#### 1. Introdução

---

Na escola aprendemos a analisar os poemas por duas estruturas: a estrutura externa e a interna. Na estrutura externa é analisado os aspectos métricos: versos, pausas, acentos, rimas e estrofes. Quando chegamos à análise "interna" são considerados os aspectos fonológicos, morfológicos, a sintaxe, semântica e as figuras de linguagem. Esse tipo de ensino exclui uma análise mais subjetiva do poema transformando-o em um simples texto didático.

#### 2. Objetivos

---

Este trabalho tem por objetivo analisar e trazer uma outra visão do poema Taciturno, de Mario de Sá Carneiro, poeta português.

#### 3. Desenvolvimento

---

O eu – lírico nesse poema faz uma apresentação de si-mesmo, não externamente, mas internamente. O poema tem um tom solene, é como se o eu – lírico o escrevesse para ler em um velório, o velório de sua alma, alma triste e amargurada, prisioneira do passado, mas ao mesmo tempo em que a retrata com angustia, ele (o eu – lírico), dá a essa descrição uma beleza medieval.

O poema é um paradigma entre o obscuro, o feio x e a beleza.

“Há ouro marchetado em mim, a pedras raras,  
Ouro sinistro em sons de bronzes medievais -  
Jóia profunda a minha alma a luzes caras,  
Cibório triangular de ritos infernais.”

A palavra marchetado segundo Aurélio (1999) é: “2. "matizado, adornado” , ouro é o metal utilizado para adornos, o eu –lírico diz que além de ouro há pedras raras”,

Mas esse adorno é ofuscado pela frase: "Ouro sinistro em sons de bronze ", o som medieval é obscuro e angustiante, ou seja, o ouro que existe dentro do eu -lírico é um ouro ruim, que não adorna, que não traz beleza, mas angustia.

O eu -lírico continua dizendo:

"Cibório triangular de ritos infernais."

Cibório: vaso onde se guarda as hóstias ou partículas consagradas" (Aurélio 1999). Cibório é algo puro, que guarda coisas santas, mas o cibório que há dentro da alma do eu -lírico, ao invés de guardar o que é santo, guarda o impuro, ou pior que isso, toda a maldição de "rituais infernais". O que é santo do lado de fora (no mundo exterior), dentro dele é impuro e corrompido. Observemos a segunda estrofe:

"No meu mundo interior cerraram-se armaduras,  
Capacetes de ferro esmagaram Princesas.

Toda uma estirpe real de heróis d'Outras bravuras  
Em Mim se despojou dos seus brasões e presas".

No primeiro verso o eu- lírico claramente diz sobre o que está falando: do seu mundo interior. E neste mundo "cerraram-se" (uniram-se), as armaduras, e os :

"Capacetes de ferro esmagaram Princesas." Princesas, principalmente na visão medieval moderna é o símbolo da beleza, o eu- lírico está dizendo, que em seu mundo (dentro de si), tudo o que era belo, não foi apenas morto, mas esmagado, destruído, ou seja não resta mais vestígios de beleza. E ele continua:

"Toda uma estirpe real de heróis d'Outras bravuras  
Em Mim se despojou dos seus brasões e presas".

No terceiro verso toda uma linhagem real (gloriosa, honrada) e de bravura (coragem, força), se dentro do eu- lírico "despojou" que caiu ou se arrancou, que servia de revestimento ou adorno" Aurélio,1999), perderam seus brasões (honra), e seus prisioneiros (simboliza força). Estrofe 3:

"Heráldico-luar sobre ímpetos de rubro,  
Humilhações a liz, desforços de brocado;  
Basílicas de tédio, arneses de crispado,  
Insígnias de Ilusão, troféus de jaspe e Outubro..."

"No primeiro verso temos a descrição de uma paisagem: "Heráldica" (arte de fazer desenhos em brasões), luz prateada" (movimentos arrebatados), e "rubro" (vermelho), é como se o eu- lírico estivesse vendo alguém a desenhar brasões, com movimentos rápidos, e o luar prateado cobrisse o vermelho das chamas, utilizada nas confecções de brasões e espadas. No segundo verso, apesar do eu- lírico ser totalmente negativo e triste, ele traz ao horrível um pouco de beleza, vejamos o contraste entre o belo e o feio, entre a delicadeza e a dureza:

"Humilhações a liz, desforços de brocado;"

Humilhações (ruim, feio) contrasta com Liz ( flor de grande beleza), e desforços (vingança, dureza) contrasta com Brocado (roupa feita de seda, fina delicada). Esse contraste mostra um traço de sensibilidade do eu - lírico.

"Basílicas de tédio, arneses de crispado,  
Insígnias de Ilusão, troféus de jaspe e Outubro..."

Basílicas de tédio," como sabemos Basílicas são igrejas enormes, significa que o eu -lírico está extremamente entediado. Insígnias de Ilusão, troféus de jaspe e Outubro...", apesar de tudo ser ilusão, o que foi perdido tem um valor altíssimo para o eu -lírico. Quarta Estrofe:

"A ponte levadiça e baça de Eu-ter-sido  
Enferrujou - embalde a tentarão descer...  
Sobre fossos de Vago, ameias de inda-querer -  
Manhãs de armas ainda em arraiais de olvido..."

No primeiro verso temos a ponte de Eu-ter-sido", a única coisa que o faria voltar ao que ele era, que poderia ligá-lo a uma realidade melhor, está enferrujada, e que se tentarem descê-la, em vão (embalde) tentarão, das ameias (pequeno espaço entre duas muretas do castelo, onde os arqueiros ficam para atirar), ele vê o mundo pequeno e "vago", e vê os arraiais do esquecimento. Do castelo onde esta preso o eu -lírico olha para fora pela ameia, vê a ponte enferrujada e percebe que não conseguira mais sair , pois está preso, encerrado nele mesmo. 5ª estrofe:

"Percorro-me em salões sem janelas nem portas,

Longas salas de trono a espessas densidades,  
Onde os panos de Arrás são esgarçadas saudades,  
E os divans, em redor, ânsias, lassas, absortas...”  
Essa estrofe descreve o que o eu -lírico faz em sua prisão interna:  
“Percorro-me em salões sem janelas nem portas,  
Longas salas de trono a espessas densidades,”  
“Sem portas, sem janelas”, nos mostra quão obscura é a sua prisão;  
“Onde os panos de Arrás são esgarçadas saudades,  
”E os divans, em redor, ânsias, lassas, absortas...”

Apesar de os "panos de Arras", serem panos de linho fino, no mundo do eu-lírico eles só representam as saudades do que se desfez , ele se sente caído, e perdido (absorta).Estrofe 6

“Há roxos fins de Império em meu renunciar -  
Caprichos de setim do meu desdém Astral...  
Há exéquias de heróis na minha dor feudal –  
E os meus remorsos são terraços sobre o Mar... “

Aquilo que eu estou renunciando não consigo recuperar, não quero mais, tudo é capricho do meu “desdém Astral”, houve um tempo de heróis na minha dor feudal”, E os meus remorsos (o que sobrou de mim), são terraços sobre o Mar...( nada).

#### 4. Resultado e Discussão

---

O poema fala sobre o vazio da vida, é um poema muito solene, com versos longos, pelo ritmo as palavras vão dando solenidade ao que o eu –lírico diz, parecendo um discurso fúnebre dele mesmo, mas ao mesmo tempo que é fúnebre tem a beleza de um castelo medieval.

#### 5. Considerações Finais

---

Após a análise que considerou a sonoridade do poema, as metáforas pode-se observar a beleza deste poema.

#### Referências Bibliográficas

---

Bibliografia

SÁ - CARNEIRO, Mário de. Poemas Completos; Edição Fernando Cabral Martin Asssório & Alvim 2001

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda, Dicionário Aurélio séc. XXI, Rio de Janeiro. Nova Fronteira 1999